

Portugal deve ser, cinematograficamente, internacionalista?

Cinéfilos de porta de cinema, realizadores de mesas de café, empresários sem capital, «astros» sem experiência, sem talento... e sem trabalho, lastimam que se não façam filmes arrancados às páginas brilhantes da nossa história, pretendendo, assim, fazer nacionalismo — de *écran*... E ainda os mesmos senhores lamentam que, no nosso país, se não produzam filmes com artistas portugueses, realizadores portugueses, capitais portugueses e operadores também portugueses.

Enquanto em Portugal estes dislates forem considerados como ideias sensatas, a indústria portuguesa tornar-se-há numa quimera, se é que se não transformará numa vergonha.

O filme que se produz num país tem de ter

em conta que precisa de conquistar os mercados estrangeiros, visto que enquanto o não fizer, o seu futuro não passa duma abstracção.

E, sendo assim, como pode uma película que tem por suprema aspiração fazer delirar o patriotismo da rua das Atafonas, agradar às multidões cosmopolitas dos cinemas parisienses? E' bom não confundir esse patriotismo de sociedade de recreio com o orgulho legítimo que se possui em pertencer a um país que, à face da época que atravessamos, não vale pelo que foi, mas sim pelo que é. E um filme para a rua das Atafonas só pode agradar a esta mímosa artéria lisboeta.

Arranquem-se, se assim o querem, das páginas da nossa história alguns assuntos susceptíveis de inspirar filmes admiráveis. Façam-no, sem nos apoucar e sem nos denegrir, é claro, mas nunca com o intuito de pretender diminuir os estrangeiros, fazendo-lhe sentir que a nossa pátria é superior à dêles, porque, para ouvir essas afirmações acharão preferível que os filmes onde elas se fazem fiquem na casa onde foram perpetrados...

★ ★ ★

Nacionalismo administrativo e artístico? Outra incongruência. Sob o ponto de vista de capital, o da casa é preferível ao alheio. Mas, quanto ao artístico, não podemos deixar de recordar de tão triste como perniciosa ideia.

Está hoje, suficientemente, provado que, sob o ponto de vista cinematográfico, nenhum país se basta a si mesmo. A América tem, entre as suas «stars», grande número de estrangeiras, oriundas dos mais diversos países. Os seus «astros» mais fulgurantes são, e em maioria esmagadora, estrangeiros, assim como os seus melhores realizadores. Pois aquêles país, apesar do seu grande poderio, não dispensa o concurso de elementos estrangeiros, dando, até, a alguns dêles, a supremacia sobre os da sua nacionalidade.

A Alemanha, que é, talvez, exceptuando os russos, quem salva a honra da Europa perante a produção americana, não dispensa a colaboração de artistas estrangeiros.

E, apesar de ter Jenny Hugo, Mady Christians e Lillian Harvey, não solicitou o concurso de Suzy Vernon, que é francesa? E, possuindo «astros» como Hans Schletov, Willy Fritsch e Klein Rogge, não deixa de contratar Lars Hanson.

A França tem de se socorrer de estrangeiros, principalmente russos e italianos.

E Portugal, que não tem cinema, escasseando-lhe, portanto, os elementos experimentados, como pode dispensar o auxilio artístico estrangeiro? E' até de toda a conveniência que se recorra à prata alheia, com o fim exclusivo de valorizar a da casa. Há, certamente, entre nós, admiráveis realizadores, em embrião, mas sem artistas experimentados que lhes sirvam de matéria prima pouco poderão fazer.

Existem — disso estamos convencidos — intérpretes também admiráveis, mas a quem falta, para serem conhecidos e valorizados, realizadores de incontestável merecimento.

Sem bons realizadores, não há bons artistas, e sem estes terem merecimento, aquêles também não conseguirão triunfar.

Recorra-se, pois, ao capital artístico estrangeiro, mas não se aceitem, entre nós, os que são lá fóra considerados indesejáveis...